

*Abstract: Depois de recordar a proposta de uma “coleta ecumênica” entre católicos e luteranos, formulada por Oscar Cullmann ainda antes do concílio Vaticano II, o autor reconhece que é preciso, antes de tudo, “superar o clima de desconfiança”, que ainda persiste. A seguir, relembra vários projetos ecumênicos já desenvolvidos, entre os quais, recentemente, a “Década para a superação da violência”, proclamada pelo Conselho Mundial das Igrejas. Fala também dos valores cristãos para uma “cultura de paz”, entre os quais ressalta a confiança/fé, a visão/esperança, e o serviço/amor. E conclui elencando uma série de ações e pistas concretas, que poderiam suscitar ainda outras iniciativas num ambiente verdadeiramente ecumênico, visando uma convivência assumida e uma prática efetiva na busca da paz.*

*The author acknowledges the need to overcome the atmosphere of distrust which still persists, although Oscar Cullmann had proposed an “oecumenical collectanea” by Catholics and Lutherans even before the Vatican Council II. He also calls to mind various oecumenical projects already well developed among those is one recently launched by the World Council of Churches: “A decade dedicated to overcome violence”. He also mentions the Christian values on behalf of “A culture of peace” such as faith / trust, perspective / hope, and service / love. He concludes with an elenchus of numerous actions and hints of new initiatives in a truly oecumenical environment with the aim of a life of peaceful coexistence and effective quest of peace.*

## **“Felizes os que promovem a paz” (Mt 5,9)**

### **a contribuição do ecumenismo para uma cultura da paz**

*Rudolf von Sinner\**

\* Natural de Basileia/Suíça, doutor em teologia pela universidade da mesma cidade. É professor de Teologia Sistemática, Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso da Escola Superior de Teologia (EST) em São Leopoldo/RS e pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).



## Uma coleta ecumênica

Ainda antes do II Concílio Vaticano, o teólogo luterano francês Oscar Cullmann (1902-1999) sugerira uma coleta ecumênica mútua: Os católicos romanos fariam uma coleta para os protestantes e vice-versa<sup>1</sup>. Citou a carta de Paulo aos Gálatas 2,10, resultado do acordo entre Pedro e Paulo: “e, quando conheceram a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram reputados colunas, me estenderam, a mim e a Barnabé, a destra de comunhão [koinonia], a fim de que nós fôssemos para os gentios, e eles, para a circuncisão; recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer.” O fato de a igreja primitiva separar-se em duas missões não significa ruptura da comunhão (*koinonia*), mas antes é uma concentração necessária em tarefas diferentes. Como sinal visível da comunhão, concorda-se em manter uma coleta (comum) para os pobres<sup>2</sup>. A partir desta lembrança bíblica, Cullmann sugeriu que uma coleta mútua sem intenção proselitista, mas num espírito fraterno, ajudaria na construção de um clima de confiança. “Sobretudo, a coleta estará pondo, aos poucos, fim à desconfiança mútua que tanto envenena o clima entre as duas confissões [sc. protestante e católica romana]”<sup>3</sup>. Ele esperava que esta proposta não fosse mais “a proposta do Prof. Cullmann”, mas que fosse abraçada por irmãos e irmãs dos dois lados, mesmo concedendo que pudesse levar muito tempo. 42 anos depois, a Igreja Católica Romana e as demais igrejas do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs no Brasil (CONIC) se juntaram para promover a primeira Campanha da Fraternidade Ecumênica. Pelo que me consta, ninguém citou Cullmann, mas parece que o sonho deste teólogo que tanto zelou pelo ecumenismo tornou-se, finalmente, realidade. E está se firmando: Em 2005, temos a segunda edição desta Campanha Ecumênica, e penso e faço orações para que não seja a última, mas sim um passo para uma cooperação cada vez mais firme entre as igrejas.

<sup>1</sup> Oscar CULLMANN. *Katholiken und Protestanten*. Ein Vorschlag zur Verwirklichung christlicher Solidarität. Basel : Friedrich Reinhardt, 1958.

<sup>2</sup> Oscar CULLMANN. *Einheit durch Vielfalt* [1986]. Grundlegung und Beitrag zur Diskussion über die Möglichkeiten ihrer Verwirklichung. 2ª ed. rev. e ampl. Tübingen : Mohr Siebeck, 1990, p. 54s.

<sup>3</sup> Oscar CULLMANN. *Katholiken und Protestanten*, p. 62.



## Superar o clima de desconfiança

O clima de desconfiança entre católicos romanos e protestantes, do qual perspicazmente falou Cullmann no final dos anos 50, foi substituído, em muitos lugares, por uma crescente confiança. Reconhecimento de batismos, colaboração ao celebrar casamentos mistos, troca de púlpito, atendimento ecumênico de aconselhamento, visitas mútuas, luta conjunta para a melhoria de vida das pessoas empobrecidas, cultos ecumênicos e formação teológica ecumênica, são alguns elementos deste novo clima. Até uma missão ecumênica foi posta em prática no bairro de Petrópolis, em Porto Alegre, numa cooperação inédita entre católicos romanos, luteranos e metodistas<sup>4</sup>.

Contudo, é inegável que ainda há muita desconfiança. O clima acirrado da competição das diferentes igrejas no mercado religioso aumenta o interesse no proselitismo e diminui a atratividade da cooperação ecumênica. Cada um por si, e, talvez, Deus por todos. Há um número de igrejas cada vez maior, o que salta aos olhos ao caminhar ao longo das ruas, principalmente nos bairros mais humildes<sup>5</sup>. Isto, em si, não precisaria ser um empecilho para o ecumenismo. Antes, poderia significar uma riqueza de diferentes formas de viver a sua fé, celebrar, orar, pregar e testemunhar. Porém, poucas destas igrejas mantêm um bom relacionamento com as outras. Tanto os “crentes”, quanto as pessoas católicas vão cada uma para sua igreja, tentando evitar o contato com as outras, pelo menos no que diz respeito à religião. Por outro lado, não poucos tentam atrapalhar os vizinhos, produzindo o maior som possível para se manifestar como os mais poderosos no bairro. Panfletos de várias origens mostram um espírito de batalha. Para muitos católicos, as outras

<sup>4</sup> A convite do arcebispo de Porto Alegre, Dom Dedeus Grings, representantes destas igrejas organizaram visitas a famílias afastadas de uma das referidas igrejas, convidando-as a participarem novamente de forma ativa da igreja à qual pertencem, porém conhecendo, ao mesmo tempo, as outras igrejas, sendo que as visitas se fazem em duplas mistas.

<sup>5</sup> Para um catálogo de nomes de igrejas que surgiram nas últimas décadas, como “Igreja Evangélica Abominação à Vida Torta”, “Igreja Explosão da Fé”, “Igreja Evangélica Pentecostal a Última Embarcação Para Cristo”, “Igreja Automotiva do Fogo Sagrado”, “Associação Evangélica Fiel Até Debaixo D’Água”, cf. Carlos FERNANDES; Luciana MAZZARELLI. Igrejas para todos os gostos. *Eclésia*. a. 8, n. 91, p. 44-49, 2003. Nos anos 90, no Rio de Janeiro, surgiram cinco novas igrejas por semana, conforme pesquisa desenvolvida pelo Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER). *Novo nascimento*. Os evangélicos em casa, na Igreja e na política. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.



igrejas são simplesmente “seitas” que se desviaram da verdadeira Igreja<sup>6</sup>. Para muitos evangélicos, os católicos são idólatras, adorando antes Maria e os santos do que Deus e sendo atingidos pelo veredicto do epílogo do Apocalipse: “Fora os cães e os magos, os impudicos e os assassinos, os idólatras e todo aquele que ame ou pratique a mentira!” (Ap 22,15)<sup>7</sup> Palavras fortes que mostram, de fato, um clima envenenado.

Pelo menos, a polêmica restringe-se, em geral, ao discurso verbal. Já em relação a outras religiões, em especial às religiões afro-brasileiras, consideradas por muitos – católicos romanos e evangélicos – como expressão do demônio, houve casos de violência física, como em Salvador de Bahia, onde membros da Igreja Internacional da Graça jogaram enxofre em cima de terreiros de candomblé e agrediram adeptos. Os jornais chamaram estas ações de “guerra santa”, alegando semelhanças à violência de grupos radicais muçulmanos em outras partes do mundo.

Como falar, neste contexto, de solidariedade e paz, onde há divisão e confronto? Por um lado, é importante ressaltar que, com seu testemunho de desunião, as igrejas não estão cumprindo sua vocação. Na carta aos Efésios, o autor escreve “*Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz*” (Ef 4,1-3) Eis umas qualidades e atitudes que são necessárias para estabelecer e manter-se um vínculo da paz e, nisto, preservar a unidade. Certamente, esta unidade não significa uniformização. Antes, é uma unidade na diversidade, numa “diversidade

<sup>6</sup> O livro do Pe. Flaviano Amatulli VALENTE. *A Igreja Católica e as seitas*. Perguntas e Respostas. S.l. [Arquidiocese de Niterói], 1998, entende-se como manual para católicos serem preparados para enfrentarem as “seitas protestantes” (segundo p. 100, aqui não estariam incluídas as igrejas que surgiram desde Lutero até 1700, porém, pela lógica do documento, também estas precisariam voltar à única igreja verdadeira, a Igreja Católica Romana). “Oxalá que possa favorecer esta autêntica vacinação geral contra o vírus das seitas, que tanto dano estão causando à Unidade querida por Cristo”, diz a apresentação do autor, p. 4.

<sup>7</sup> Assim o proclamou um estudante de teologia num seminário evangélico durante minha palestra sobre o movimento ecumênico. Cf. também, numa linha semelhante, o site do Centro Apologético Cristão de Pesquisas (CACP), que afirma, entre outras, que “nunca uma igreja genuinamente protestante e/ou evangélica poderá sustentar as doutrinas bíblicas em uma mão e na outra andar de mãos dadas com a Igreja Católica Romana e suas doutrinas heréticas. Isso é confusão, e das mais graves!” Disponível em: <http://www.cacp.org.br/cat-ecumefacha.htm>. Acesso em 14 ago. 2004.



reconciliada”, ou seja, numa diversidade que não seja mutuamente exclusiva<sup>8</sup>.

Por outro lado, fica prejudicado não apenas o movimento ecumênico enquanto busca da unidade das igrejas, o ecumenismo “para dentro”, por assim dizer, mas também o ecumenismo “para fora”, a missão da Igreja, pois dá-se um testemunho muito negativo ao mundo. As igrejas são chamadas a darem seu testemunho de fé, e esta fé implica precisamente a mensagem da paz. Quando os 72 discípulos são enviados, são instruídos para, em primeiro lugar, dizerem, ao entrar em cada casa onde entrariam: “*Paz seja nesta casa*” (Lc 10,5). Depois, deverão comer e beber o que lhes for dado, aceitando a hospitalidade local (Lc 10,7). A missão começa pelo relacionamento humano, de paz e de confiança. Em segundo lugar, os discípulos são enviados ao serviço: “*Curai os doentes que aí se acharem*” (Lc 10,9). Entendo aqui a cura como fazer algo de bem aos anfitriões, incluindo a cura das várias doenças que nós podemos imaginar – físicas, psíquicas, espirituais. E, finalmente, trata-se de proclamar a chegada do Reino de Deus: “*A vós outro s está próximo o reino de Deus!*” (Lc 10,9), o que no original grego está na forma do passado: “chegou até vós o reino de Deus”. O Reino, embora ainda advindo, já está aqui, está “*dentro de vós*” ou “*entre vós*” (Lc 17,21).

Antes de explicitar os valores básicos da fé cristã que possam servir como fundamento para uma ação pela paz, vale lembrar projetos ecumênicos já desenvolvidos.

### Projetos ecumênicos

Entre as várias tentativas ecumênicas de articular uma voz forte das igrejas pela paz, embora às vezes de valor mais simbólico do que efetivo, lembra-se a do luterano Dietrich Bonhoeffer (1906-1945). Em 1934, diante da ascensão do nazismo na Alemanha, esse mártir cristão, pastor e teólogo luterano, teve a ousadia de declarar reunido, durante um encontro ecumênico na ilha dinamarquesa de Fanø, o concílio ecumênico que proclamaria a “paz de Cristo sobre o mundo enfurecido”<sup>9</sup>. Evidentemente, esta pequena reunião carecia do fôlego e da

<sup>8</sup> Cf. Harding MEYER. *Diversidade reconciliada – o projeto ecumênico*. São Leopoldo : Sinodal, EST, 2003.

<sup>9</sup> “Nur das Eine grosse ökumenische Konzil der Heiligen Kirche Christi aus aller Welt kann es so sagen, dass die Welt zähneknirschend das Wort vom Frieden vernehmen muss



representatividade necessária para realmente serem esse concílio. Contudo, a palavra profética de Bonhoeffer marcou o grupo presente e também as gerações seguintes. Em 1948, o Conselho Mundial de Igrejas afirmou, na sua primeira Assembléia em Amsterdã (Países Baixos), que “a guerra é contrária à vontade de Deus” e que “a paz requer um ataque às causas do conflito entre os poderes”<sup>10</sup>. De fato, o Conselho Mundial e seus precursores sempre tiveram uma grande preocupação com a paz, o que não há de estranhar diante da situação da Europa entre e após duas guerras mundiais sangrentas. Foi, de modo especial, a “Aliança Mundial para a Promoção da Amizade Internacional pelas Igrejas”, fundada em 1914, que teve um papel importante na articulação de cristãos numa variedade de países<sup>11</sup>. Mas foi na 6ª Assembléia em Vancouver, no Canadá, onde surgiu a proposta de um “Processo Conciliar de Mútuo Compromisso para a Justiça, a Paz e a Integridade da Criação”<sup>12</sup>. Esta proposta desencadeou atividades no mundo inteiro, mas destaco aqui o acontecido na Europa, não apenas pelo fato de eu ter vivenciado o momento na minha cidade natal, mas pelo significado histórico, pois foi um momento extremamente marcante nas vésperas da queda do muro de Berlim – que, contudo, ninguém imaginava acontecer, muito menos de forma tão rápida. Na semana de Pentecostes de 1989 reuniram-se, em Basiléia, Suíça, cerca de 700 delegados, mais assessores, observadores, visitantes, imprensa etc. de toda a Europa. Fora a primeira vez em 500 anos que se reuniram delegados católico-romanos, ortodoxos e protestantes, ocidentais e orientais, com igual direito a voto, para trabalharem os três assuntos da

---

und dass die Völker froh werden, weil diese Kirche Christi ihren Söhnen im Namen Christi die Waffen aus der Hand nimmt und ihnen den Krieg verbietet und den Frieden ausruft über die rasende Welt.” Kirche und Völkerwelt. In: London 1933-1935. *Dietrich Bonhoeffer Werke v. 13*. Munique : Chr. Kaiser, 1994, p. 301, apud Wolfgang LIENEMANN. *Frieden. Vom “gerechten Krieg” zum “gerechten Frieden”*. Göttingen : Vandenhoeck & Ruprecht, 2000, p. 11.

<sup>10</sup> Apud John H. YODER. Peace. In: Nicholas LOSSKY et al. (Eds.). *Dictionary of the Ecumenical Movement*. Genebra : CMI, 2002, p. 894.

<sup>11</sup> Cf. Ans J. VAN DER BENT. World Alliance for Promoting International Fellowship through the Churches. In: Nicholas LOSSKY et al. (Eds.), op. cit., p. 1216s.; Harmjan DAM. *Der Weltbund für Freundschaftsarbeit der Kirchen 1914-1948: Eine ökumenische Friedensorganisation*. Frankfurt a.M. : Lembeck, 2001.

<sup>12</sup> Cf. Gerhard TIEL. O processo conciliar de mútuo compromisso para a justiça, paz e integridade da criação. *Estudos Teológicos*. a. 28, n. 2, p. 153-170, 1988; Lukas VISCHER. Preparativos ecumênicos para uma Assembléia Mundial da Paz. *Concilium*. n. 215, p. 10-20, 1988/1.



pauta, embora com o título um tanto modificado: “Paz na Justiça”<sup>13</sup>. Diferente de outras partes do mundo, como na América Latina, onde se insistiu muito que não poderá haver paz sem justiça e que, portanto, ela deveria vir antes da paz no título, a Europa estava mais preocupada com a paz, ainda em plena Guerra Fria. Num ato inédito, fora possível que todos e todas os/as participantes caminhassem pelos três países que ali se encontram (Alemanha, França e Suíça), sem ter que dispor de visto nem sequer mostrar o passaporte<sup>14</sup>. Um dos protagonistas do evento foi o físico alemão Carl Friedrich von Weizsäcker, que insistiu na urgência dos assuntos a serem tratados e na necessidade de uma palavra clara por parte das igrejas, retomando, explicitamente, a proposta conciliar de Bonhoeffer<sup>15</sup>. Ao lado do programa oficial de debates aconteceu uma “oficina do futuro”, uma feira onde projetos de grupos, movimentos, congregações, associações e semelhantes podiam ser apresentados. O espectro de grupos era muito amplo: Ao lado da associação de oficiais do exército suíço, que defendeu a idéia da paz garantida pela disposição militar, encontrou-se uma oficina de frades franciscanos tornando canos de fuzis em flautas, inspirados por Isaías 2,4 (cf. Mq 4,3): “*Ele julgará entre os povos e corrigirá muitas nações; estas converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra.*” As pessoas voltaram, em geral, muito animadas para seus lares, fortalecidas no seu engajamento pela paz com justiça e a preservação da criação. Meio ano depois, os acontecimentos políticos se precipitaram e o muro de Berlim caiu, símbolo do fim da Guerra Fria e do mundo bipartido. Como desdobramento, numa nova Europa, agora mais perto da antiga “cortina férrea” que separava o Oriente do Ocidente – agora contemplando o “véu de prata”, ou seja, o desequilíbrio econômico –, foi organizada a 2ª Assembléia Ecumênica Européia sob o tema da reconciliação, em Graz (Áustria), no ano de 1997<sup>16</sup>. De novo houve uma

<sup>13</sup> Cf. KONFERENZ EUROPÄISCHER KIRCHEN (KEK); RAT DER EUROPÄISCHEN BISCHOFSKONFERENZEN (CCEE). *Frieden in Gerechtigkeit. Dokumente der Europäischen Ökumenischen Versammlung*. Basel : Reinhardt; Zürich : Benziger, 1989.

<sup>14</sup> Mesmo com toda abertura aparente dos países ocidentais para tal fim, descobriu-se mais tarde que no comitê organizador fora infiltrado um informante da inteligência suíça, mostrando claramente que este tipo de controle estatal não existia apenas no Oriente.

<sup>15</sup> Carl Friedrich von WEIZSÄCKER. *O tempo urge*. Assembléia mundial de cristãos em prol de justiça, da paz e da preservação da natureza. Trad. Hanns Pellischek. Petrópolis: Vozes, 1991.

<sup>16</sup> Cf. KEK; CCEE. *Versöhnung. Gabe Gottes und Quelle neuen Lebens. Dokumente der Zweiten Europäischen Ökumenischen Versammlung in Graz*. Graz, Wien, Köln : Styria, 1998.



boa cooperação entre protestantes, ortodoxos e católicos romanos, bem com uma convivência inspiradora entre delegados e delegadas oficiais das igrejas e grupos e movimentos. Viveu-se, novamente, o encontro entre um “ecumenismo de cúpula” e um “ecumenismo de base”<sup>17</sup>. Era este o grande destaque do chamado “processo conciliar”: De ser um processo de base, de movimentos e grupos em colaboração com as igrejas.

Embora a preocupação pelos três eixos temáticos da justiça, da paz e da integridade da criação não tenha desaparecido, mas ache reflexo até hoje em documentos e atividades das mais variadas igrejas e regiões, o processo teve um certo amortecimento em 1990, quando se realizou a Convocação Mundial em Seul (Coréia)<sup>18</sup>. Esta manifestação mostrou-se menos eficiente, não por último porque, quase que de última hora, a Igreja Católica Romana decidiu não participar oficialmente, assim reduzindo consideravelmente a base e o peso do evento. Um dos problemas muito discutidos foi sua natureza assumida como “conciliar”, sendo que um concílio podia ser, na compreensão católica romana, apenas algo verdadeiramente ecumênico, pressupondo a unidade entre as igrejas como já realizada, e sendo convocado sob a direção do papa<sup>19</sup>. Mostrou-se também que não é verdade que apenas a doutrina divide e a prática une, como fora dito desde os primórdios do movimento ecumênico. Também a prática pode dividir, como ficou evidente ao longo desse “processo conciliar”, sempre criando controvérsia além de consentimento.

A 7ª Assembléia do CMI em Canberra (Austrália, 1991) deu todo apoio à continuação do processo por Justiça, Paz e Integridade da Criação. Ao mesmo tempo, o modo como alcançar a paz foi fortemente debatido, sendo que a Assembléia estava reunida no momento da primeira Guerra do Golfo, quando os Estados Unidos e aliados combateram o Iraque para obrigá-lo a retirar-se do Kuwait. Voltou a discussão sobre uma possível “guerra justa”, no caso, e se ficou num certo impasse.

A 8ª Assembléia do CMI em Harare (Zimbábue), ao encerrar a significativa *Década de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres*,

<sup>17</sup> Cf. Gerhard TIEL. *Ecumenismo na perspectiva do reino de Deus*. Uma análise do movimento ecumênico de base. São Leopoldo : Sinodal, CEBI, 1998.

<sup>18</sup> Cf. D. Preman NILES. Justice, Peace and Integrity of Creation. In: Nicholas LOSSKY et al. (Eds.), op. cit., pp. 631-633; (Ed.). *Justice, Peace and the Integrity of Creation: Documents from an Ecumenical Process of Commitment*. Genebra : CMI, 1994.

<sup>19</sup> Sobre a conciliaridade no debate do Conselho Mundial de Igrejas, cf. Jos VERCRUYSE. *Introdução à teologia ecumênica*. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo : Loyola, 1998, p.117-120.



deu apoio à sugestão de uma nova Década, agora para *Superar a Violência*. Concomitantemente com a Década para uma Cultura de Paz e Não-Violência para as Crianças do Mundo, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), esta campanha está sendo promovida de 2001 a 2010. Já existia, desdobrando o programa de Justiça, Paz e Integridade da Criação, um programa específico para a Superação da Violência, mas agora seria uma campanha muito mais ampla<sup>20</sup>. Com a metade do tempo esgotado, a campanha será avaliada na 9ª Assembléia do CMI, a ser realizada em Porto Alegre, em fevereiro de 2006. Neste âmbito, estão se destacando as igrejas pequenas, mas mundialmente presentes e com um testemunho significativo, chamadas de “igrejas históricas de paz” (quacres e menonitas, por exemplo) que, entre outros, sempre se negaram a pegar em armas<sup>21</sup>. No Brasil, a Década está sendo coordenada pelo CONIC, que disponibiliza recursos referentes a ela<sup>22</sup>.

Por fim, é importante lembrar que o engajamento pela paz não pára no ecumenismo entre os cristãos e as cristãs, mas precisa realizar-se também entre as religiões. A celebre proposta de Hans Küng de um “ethos mundial”, pressupondo que não haverá paz na terra sem paz entre as religiões, foi pioneira nesta linha<sup>23</sup>. É evidente que é imprescindível um diálogo inter-religioso pela paz. Contudo, não se pode restringir esse diálogo às chamadas grandes religiões que dispõem de escritos sagrados como base doutrinária claramente identificável, mas é preciso articular-se com as tradições de firme presença no país, no caso as religiões afro-brasileiras e indígenas<sup>24</sup>.

<sup>20</sup> Cf. Margot KÄSSMANN. *Overcoming Violence. The Challenge to the Churches in All Places*. Genebra : CMI, 1998.

<sup>21</sup> Cf. Fernando ENNS. *Friedenskirche in der Ökumene. Mennonistische Wurzeln einer Ethik der Gewaltfreiheit*. Göttingen : Vandenhoeck & Ruprecht, 2003. O autor, menonita, nasceu no Brasil antes de mudar-se, com a família, para a Alemanha, e é um dos principais promotores da campanha.

<sup>22</sup> Cf., por exemplo, a recente publicação [Diana MAVUNDUSE; Simon OXLEY]. *Por que a Violência, se Podemos Viver em Paz?* Trad. John Miller e Elinete Paes Miller. Salvador : CESE; Brasília : CONIC, 2004; também disponível em [www.conic.org.br](http://www.conic.org.br).

<sup>23</sup> Hans KÜNG. Paz mundial – religião mundial – ethos mundial. *Concilium*. n. 253, p. 159-179, 1994; *Projeto de ética mundial*. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana [1990]. Trad. Haroldo Reimer. 4ª ed. São Paulo : Paulinas, 2003; também Leonardo BOFF. *Ethos Mundial*. Um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro : Sextante, 2003.

<sup>24</sup> Neste contexto, cf. por exemplo: Rodolfo GAEDE NETO. *Diaconia em contexto de diversidade religiosa e cultural: um estudo a partir de comunidades Afro-brasileiras e das comunhões de mesa de Jesus*. São Leopoldo : Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, 2002. Tese de doutorado. A publicação desta importante obra está prevista para 2005.



Veremos agora quais valores a tradição cristã pode oferecer para fomentar uma cultura da paz, que hoje, quando está dominando uma cultura da violência, se torna, necessariamente, contra-cultura.

### Valores para uma cultura da paz

Nos anos setenta, num ditado que virou famoso, o então chanceler (primeiro-ministro) alemão, Helmut Schmidt, social-democrata e cristão assumido, negou que se possa fazer política com o Sermão da Montanha<sup>25</sup>. Frases como Mt 5,39: “*Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra*” seriam pura ingenuidade. Afinal, teria sido escrito em outro contexto, em outro tempo. Certamente, não há como negar que a situação dos discípulos na Palestina ocupada pelos romanos no tempo de Jesus era bem diferente da do poderoso líder político alemão em plena Guerra Fria. Contudo, já daria para encerrar o assunto por causa disto? Se assim fosse, nenhum texto bíblico poderia ter relevância para nós hoje, já que todos foram escritos em outro tempo e contexto. O mesmo vale para a constatação de Max Weber, cinquenta anos antes de Schmidt, segundo o qual o Sermão da Montanha seria uma ética apenas para santos, contrária a uma ética saudável como Weber a vislumbrava numa ética da responsabilidade, norteada pelas conseqüências<sup>26</sup>.

Se lido numa perspectiva literalista, fundamentalista, certamente não dá como usar o Sermão da Montanha como base de uma prática política. No entanto, pode nortear uma ética política a partir de uma leitura que procure identificar a mensagem central embutida nos textos<sup>27</sup>. Vale citar o trecho completo aqui (Mt 5,38-42):

*Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. 39 Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer um que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; 40 e, ao que quer demandar*

<sup>25</sup> Helmut SCHMIDT. *Als Christ in der politischen Entscheidung*. Gütersloh 1976; cf. Wolfgang SCHOBERTH. Die bessere Gerechtigkeit und die realistischere Politik. Ein Versuch zur politischen Ethik. In: Reinhard FELDMIEIER (Org.). “*Salz der Erde*”. Zugänge zur Bergpredigt. Göttingen : Vandenhoeck & Ruprecht, 1998, p. 108-140.

<sup>26</sup> Max WEBER. Política como vocação [1919]. In: *O político e o cientista*. 3ª ed. Lisboa : Editorial Presença, 1979.

<sup>27</sup> Para os aspectos exegéticos, cf. Reinhard FELDMIEIER. Verpflichtende Gnade. Die Bergpredigt im Kontext des ersten Evangeliums. In: ID. (Org.), op.cit., p. 15-107, esp. 39-54.



*contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. 41 Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. 42 Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.*

O chamado princípio do talião, “*olho por olho, dente por dente*” (Êx 21,24), estabelecia que não se aplicasse mais violência ao infrator do que o crime por este cometido, diferente, por exemplo, da vingança exagerada de Lameque (Gn 4,24). Era, portanto, uma restrição da retaliação, para colocá-la dentro da lei. Jesus, porém, vai além e exige a renúncia total à vingança, dando ao agressor até mais do que exige. Paulo reforça esta idéia em Rm 12,17-21, culminando na regra principal: “*Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem*” (Rm 12,21). O assunto principal aqui é não entrar na lógica do agressor, que é retribuir violência com violência, mas sim oferecer outra lógica, surpreendente e por isso eficaz. Lido nesta perspectiva, o Sermão da Montanha pode, sim, nortear uma ética da política, embora não seja – como, de fato, toda Bíblia não é – um receituário pronto para o uso<sup>28</sup>.

A seguir, gostaria de listar três espécies de valores que me parecem imprescindíveis para uma ética cristã da paz, lembrando que a noção da própria paz, *shalom* em hebraico e *eirene* em grego, implica o bem-estar integral da pessoa<sup>29</sup>. Destaco, seguindo os três valores básicos citados por Paulo em 1 Cor 13,13, a confiança (fé), a visão (esperança) e o serviço (amor).

<sup>28</sup> Gerd THEISSEN cita dois exemplos contemporâneos ao Sermão da Montanha que são indícios para possibilidades objetivas de uma resistência não violenta: Judeus fizeram manifestação não violenta contra a tentativa por parte de Pilatos de introduzir símbolos do imperador em Jerusalém e contra a tentativa do imperador Calígula de dedicar o templo de Jerusalém à divindade de sua escolha: Gewaltverzicht und Feindesliebe (Mt 5,38-48/Lk 6,27-38) und deren sozialgeschichtlicher Hintergrund. In: *Studien zur Soziologie des Urchristentums*. 3ª ed. Tübingen: Mohr, 1989, 160-197 (versão em espanhol: *Estudios de Sociología del Cristianismo primitivo*. Salamanca: Sígueme, 1985); tb. *Die Religion der ersten Christen*. Eine Theorie des Urchristentums. Gütersloh: Chr. Kaiser, Gütersloher Verlagshaus, 2000, p. 105-108.

<sup>29</sup> O conceito de *shalom* é mais amplo do que *eirene*, mas inspirou o uso deste no Novo Testamento; cf. I. BROER. Paz. In: Johannes B. BAUER (Org.). *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 313s.; H. BECK; C. BROWN. Paz. In: Lothar COENEN; Colin BROWN (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1592-1598. Cf. também CONIC. *Solidariedade e paz*: texto-base CF 2005 ecumênica. São Paulo: Salesiana, 2005, p. 19-31; Edmilson SCHINELO (Org.). *A paz voltará a reinar*. Círculos Bíblicos sobre a superação da violência. São Leopoldo: CEBI, 2003.



## Confiança – Fé

A confiança é um valor básico<sup>30</sup>. Não se pode viver sem ela: Sem nos darmos conta, confiamos em muitas pessoas, aparelhos, produtos, procedimentos. Não seria possível viver nossa vida se não pudéssemos confiar sem nos preocupar, sempre e especificamente, com cada aspecto da nossa vida. Sem confiança não existe vida.

No entanto, pesquisas parecem sugerir que não existe confiança no Brasil. Dentre 17 países da América Latina, periodicamente pesquisados pela organização *Latinobarómetro*, o Brasil aparece em último lugar. Indagadas sobre “falando em geral, você diria que se pode confiar na maioria das pessoas ou que nunca se é suficientemente cuidadoso no trato dos demais”, apenas 4% dos entrevistados no Brasil afirmaram que se pode, sim, confiar<sup>31</sup>. Não é que, simplesmente, não exista confiança alguma, mas não se confia em pessoas desconhecidas. A mesma pesquisa mostra que se confia em pessoas ao redor ou de reconhecida habilidade - nos bombeiros (64% em toda América Latina), nos colegas de trabalho ou estudo (59%), nos vizinhos (50%), porém não em desconhecidos<sup>32</sup>. Quanto às instituições, uma pesquisa do Fórum Econômico Mundial mostra que a lista de confiança é encabeçada pelas igrejas, que aparecem com 65%<sup>33</sup>.

Portanto, as igrejas, sendo merecedoras de confiança e, supõe-se, portadoras de alta credibilidade, têm uma grande responsabilidade em mostrarem-se dignas do que lhes foi atribuído. É importante lembrar que a confiança é um valor básico da fé cristã, pois traduz a palavra grega *pístis*, que costumamos traduzir como “fé”. No Antigo Testamento, o equivalente é o grupo de palavras ligadas a *ʿamn*, palavra que conhecemos de cada oração e culto: “Amém!” “Firme!” O verbo, na flexão do hífil,

<sup>30</sup> Aproveito aqui formulações que usei na minha aula inaugural na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo: Confiança e convivência. Aportes para uma hermenêutica da confiança na convivência humana. *Estudos Teológicos*. a. 44, n. 1, p. 127-143, 2004.

<sup>31</sup> LATINOBARÓMETRO 2003, p. 26. Documento disponível em: <http://www.latinobarometro.org>. Acesso em: 10 fevereiro 2004. A média no continente é de 17%, sendo que o Uruguai apresenta a porcentagem mais alta de confiança (36%).

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 27. “Existen confianzas al interior de los grupos, segmentos de la sociedad mientras que no existe confianza *entre* los grupos, segmentos / redes”, p. 23, grifo meu.

<sup>33</sup> Foram entrevistadas 1002 pessoas em nove regiões metropolitanas (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Fortaleza, Belém, Curitiba e Porto Alegre). *O Estado de São Paulo*, 08/11/2002, p. A17.



significa “estar firme, confiar, ter fé, crer”<sup>34</sup>. Portanto, a confiança e conceitos afins tem destaque muito grande na Bíblia, sendo ligadas à própria fé. Sobre ela, Martinho Lutero diz no seu Catecismo maior, ao explicar o primeiro mandamento “não terás outros deuses” (Ex 20,3):

*Deus designa aquilo de que se deve esperar todo o bem e em que devemos refugiar-nos em toda abertura. Portanto, crer em Deus outra coisa não é senão confiar e crer nele de coração. (...) Fé e Deus não se podem divorciar. Aquilo, pois, a que prendes o coração e te confias, isso, digo, é propriamente o teu Deus*<sup>35</sup>.

A fé como confiança é baseada na promessa de Deus. A promessa é primeira, e a resposta humana é a fé-confiança. Abrão, ao receber a promessa de Deus, “*teve fé no Senhor; e por isso o Senhor o considerou justo*”, como se diz em Gênesis 15,6. Pela fé somos inseridos na comunhão com o Senhor. Ela ultrapassa fronteiras religiosas, sociais e de gênero: “*Não há mais nem judeu nem grego; já não há mais nem escravo nem homem livre, já não há mais o homem e a mulher; pois todos vós sois um só em Jesus Cristo.*” (Gl 3,28) Portanto, a confiança também chega a dar-se além de determinados grupos e procura superar as desigualdades, criando uma nova convivência entre iguais. Sabemos que a Igreja, ao longo da história, muitas vezes reforçou desigualdades e exclusividades em vez de superá-las. Mas ela convive com o desafio constante do Senhor que nos chama a uma ética da confiança mútua.

Evidentemente, como a fé não pode nem deve ser imposta, o mesmo vale para a confiança. Não se pode ordenar confiança. Pessoas não podem ser obrigadas a confiar. Também não é possível garantir retorno – a confiança é algo que nós investimos unilateralmente, apostando em que o outro ou a outra honrem esse investimento. Ela envolve risco, e, portanto, também não pode ser dada ingenuamente. Contudo, é imprescindível para a construção da paz. Não existe paz, não existe *shalom*, ou seja, bem-estar integral, senão na base da confiança entre as pessoas. Esta confiança nunca é perfeita nem completa, pois somos limitados como seres humanos, ou, para falar pela tradição luterana, somos justos e pecadores ao mesmo

<sup>34</sup> Hans WILDBERGER. ‘*mn*, in: JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus. *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*. 4ª ed. München, Zürich : Chr. Kaiser, Theologischer Verlag, 1984. v. 1, p. 178. Nesta família de palavras também se encontram a *emuna* (fidelidade, sinceridade) e a *emet* (verdade).

<sup>35</sup> Martinho LUTERO. Catecismo Maior. In: *Livro de Concórdia*. Trad. e notas de Arnaldo Schüler. 5ª ed. São Leopoldo : Sinodal; Porto Alegre : Concórdia, 1997, p. 394s.



tempo. O que nos sustenta, nesta situação de risco, é a confiança em Deus, pois Ele é fiel. E a partir desta base cabe-nos construir uma cultura da paz pela confiança.

### Visão – Esperança

É comum ouvir o ditado que “a esperança é a última que morre”. Ainda bem se assim fosse. Contudo, há desespero em muitos lugares, nem sempre visível, mas fortemente presente pela violência pessoal e estrutural que inúmeras pessoas estão sofrendo – pela fome, por doenças, pela violência doméstica, pelas guerras do narcotráfico... A dignidade humana, que fora, muito apropriadamente, tema da CF 2000 ecumênica, está sendo ferida e ofuscada nestas agressões sofridas<sup>36</sup>. Porém, ela é inalienável<sup>37</sup>. Ela é intrínseca ao ser humano, dada pelo próprio Deus que criou o ser humano como *homem e mulher, à sua imagem e semelhança* (Gn 1,26s.).

Já mencionei o Reino de Deus como conteúdo da proclamação e como referência norteadora. É, na visão de João, o momento quando chegará a nova Jerusalém onde Deus “*lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram*” (Ap 21,4; cf. Is 25,8). “*Eis que faço novas todas as coisas*” diz, na mesma visão, *Aquele que está sentado no trono* (Ap 21,5). Nossa caminhada dever-se-ia orientar nessa direção, como disse Jesus no já citado Sermão da Montanha: “*buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas*” (Mt 6,33).

Estamos, portanto, norteados por uma visão, uma esperança, que, no entanto, já se faz presente. Vivemos, como diria Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), no penúltimo, já com a presença do derradeiro, mas na tensão entre os dois<sup>38</sup>. O já citado Cullmann falou da tensão entre o “já”

<sup>36</sup> CONIC. *Dignidade humana e paz*. Novo milênio sem exclusões. Texto Base CF-2000 Ecumênica. São Paulo : Salesiana, 2000.

<sup>37</sup> Nisto insiste, com direito, Gottfried BRAKEMEIER. *Dignidade Humana e Paz*. Reflexões sobre o tema da Campanha da Fraternidade 2000. In: Geraldo L. B. HACKMANN (Org.). *sub umbris fideliter*. Festschrift em homenagem a Frei Boaventura Kloppenburg. Porto Alegre : EDIPUCRS, 1999, p. 163-183, esp. 172-176.

<sup>38</sup> Dietrich BONHOEFFER. *Ética*. Trad. Helberto Michel. 5ª ed. São Leopoldo : Sinodal, 2001, p. 71ss. Ali diz, por exemplo: “Vida cristã é o início do derradeiro em mim; a vida de Jesus Cristo em mim. Mas sempre é também vida no campo do penúltimo à espera do derradeiro”, p. 82.



e o “ainda não”, sendo que vivemos entre a criação e a *parousia*, a volta do Cristo para o julgamento, norteados pelo centro da história da salvação, que é o próprio Cristo<sup>39</sup>. Esta visão nos dá, por um lado, esperança, razão para acreditar que a situação atual não é para ficar, mas será transformada, e que, de fato, um “outro mundo é possível”, citando o lema do Fórum Social Mundial<sup>40</sup>. Por outro lado, sabemos que nenhum mundo realizado por seres humanos será perfeito, o que nos ensina humildade e honestidade. Esta é a tensão escatológica, às vezes difícil de suportar, mas também saudável: Ela impede que este mundo ou uma pessoa, instituição ou até religião se entenda como absoluta, final, como realização do Reino de Deus.

Norteadas e norteados, como cristãs e cristãos, por esta visão, estamos sendo enviados ao mundo “*como cordeiros para o meio de lobos*” (Lc 10,3) – e não vice-versa como às vezes parece! Contudo, não é para se conformar com este mundo (Rm 12,2), pois ele não é como deveria ser. Neste sentido, também a paz orientadora não é a paz do mundo, mas a paz que Jesus nos deixa (Jo 14,27).

### Serviço – Amor

O terceiro valor básico, segundo Paulo (1Cor 13,13) o mais importante, é o amor. Este amor se desdobra em serviço, como fica visível na prática de Jesus. Nele, o Filho de Deus viveu uma vida humana, despojando-se do seu poder para servir (Fl 2,6-11). Quando os discípulos Tiago e João pedem para ficar perto do Mestre na glória, Jesus proclama a inversão dos valores do mundo, pois “*quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos*” (Mc 10,43-45). Diferente do mundo, onde importam o sucesso e a competição – e, como já indiquei, muitas igrejas fazem parte deste jogo,

<sup>39</sup> Oscar CULLMANN. *Cristo e o tempo: tempo e história no cristianismo primitivo* [1946]. Completado por um exame retrospectivo. Trad. Daniel Costa. São Paulo : Editora Custom, 2003; *Heil als Geschichte*. Heilsgeschichtliche Existenz im Neuen Testament. Tübingen: Mohr, 1965.

<sup>40</sup> Cf. também Marcelo Rezende GUIMARÃES. *Um novo mundo é possível*. Dez boas razões para educar para a paz, praticar a tolerância, promover o diálogo inter-religioso, ser solidário, promover os direitos humanos. São Leopoldo : Sinodal, 2004.



ao ponto de praticar mesmo um marketing<sup>41</sup> –, o serviço é e continua sendo um aspecto fundamental da religião cristã. É importante ressaltar que o serviço, a *diaconia*, não se restringe para dentro da comunidade; embora seja motivada pela fé, se estende a cada pessoa que dela precisa.<sup>42</sup> Assim, organismos ecumênicos como a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) promovem a diaconia ecumênica na sua base eclesial, mas trabalham com redes e movimentos sociais das mais variadas naturezas<sup>43</sup>.

Neste sentido do serviço, faz parte também o engajamento pela convivência, superando a mera coexistência. Além do simples fato de coexistir, o que acontece naturalmente, é preciso buscar moldar e orientar esta coexistência para se tornar convivência, “vizinhança assumida”<sup>44</sup>. Inspirado por reflexões a partir da América Latina, o teólogo alemão Theo Sundermeier divulgou o conceito de convivência como “comunidade de aprendizagem, apoio mútuo e celebração”<sup>45</sup>. Em outras palavras, acontece o mutirão pelo bem comum ou a “promoção humana”<sup>46</sup>. As igrejas fazem parte da sociedade civil e nele podem – e devem – contribuir para a cidadania de todas e todos, insistindo com que direitos não constem apenas em lei, mas sejam realmente conhecidos e acessíveis. Neste sentido, servem como atalaia, acompanhando o Estado de forma crítica e

<sup>41</sup> Cf. Leonildo Silveira CAMPOS. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis : Vozes; São Paulo : Simpósio; São Bernardo do Campo : UMESP, 1997.

<sup>42</sup> Cf. os volumes da série *Diaconia na América Latina*: Rodolfo GAEDE NETO. *A diaconia de Jesus*. Contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo : Sinodal, CEBI; São Paulo : Paulus, 2001 (v. 1). GISELA BEULKE. *Diaconia em situação de fronteira*. Um exemplo chamado Balsas. São Leopoldo : Sinodal, CEBI, 2001 (v. 2). Sérgio ANDRADE; Rudolf von SINNER (Orgs.). *Diaconia no contexto nordestino*. Desafios – reflexões – práxis. São Leopoldo : Sinodal, CEBI; São Paulo : Paulinas, 2003 (v. 3). Rodolfo GAEDE NETO; Rosane PLETSCHE; Uwe WEGNER (Orgs.). *Práticas diaconais*. Subsídios bíblicos. São Leopoldo : Sinodal, CEBI, 2004 (v. 4).

<sup>43</sup> Cf. [www.cese.org.br](http://www.cese.org.br); também Rudolf von SINNER. Compromisso com o Ecumenismo de Justiça – Trinta Anos da Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE. *Estudos Teológicos*. a. 43, n. 2, p. 126-136, 2003.

<sup>44</sup> Assim a chamou o colega Gottfried BRAKEMEIER em mensagem de e-mail que me enviou em 21 de abril de 2004. Cf. também Ivan ILLICH. *Tools for conviviality*. New York : Harper and Row, 1973.

<sup>45</sup> Theo SUNDERMEIER. Konvivenz als Grundstruktur ökumenischer Existenz. In: Wolfgang HUBER; Dietrich RITSCHL; Theo SUNDERMEIER. *Ökumenische Existenz heute*. München : Chr. Kaiser, 1986, p. 49-100, esp. 51-59 sobre a origem do termo na América Latina.

<sup>46</sup> Elias WOLFF. *Caminhos do ecumenismo no Brasil*. História – Teologia – Pastoral. São Paulo : Paulus, 2002, p. 343-408 (Ecumenismo e promoção humana).



construtiva<sup>47</sup>. Vale também recordar as reflexões de Karl Barth (1886-1968), ainda hoje pertinentes: O cristão sempre é também cidadão, portanto a sociedade pode ser desenhada em dois círculos: Comunidade cristã e comunidade civil<sup>48</sup>. A primeira integra a última, mas apenas parte da última integra a primeira. O que não é possível, portanto, é a comunidade cristã retirar-se em si mesma, como se o mundo afora não existisse. É no mundo que Jesus e seus seguidores atuaram e devem atuar.

### Ação pela paz

O engajamento pela paz pode assumir uma variedade de formas. Já falei dos valores que a tradição cristã pode oferecer para fundamentar uma teologia e prática de paz. Mas gostaria de acrescentar algumas ações e pistas concretas, numa lista que de modo algum se entende como completa.

1. Julgo a *Campanha pelo Desarmamento* um excelente campo de atuação para as igrejas na promoção da paz. É importante que tenha um monopólio de armas, e que este se encontre nas mãos do poder público democraticamente legitimado e fiscalizado pela sociedade civil. As armas de fogo, embora pareçam dar segurança contra a violência, apenas fazem com que esta aumente e que morram mais pessoas ainda<sup>49</sup>.
2. Para garantir a *segurança* de todas e todos, é preciso que tenhamos uma polícia eficiente, bem remunerada e bem cuidada. Não há de estranhar que pessoas mal pagas e que estão sempre na linha de fogo prefiram matar antes de serem mortos. Para poderem reagir de forma diferente, é preciso um treinamento adequado e um acompanhamento qualificado por aconselhadores

<sup>47</sup> Esta é a posição que tem respaldo nos reformadores, principalmente Lutero, cf. Luis Alberto DE BONI (Org.). *Escritos seletos de Martinho Lutero, Tomás Müntzer e João Calvino*. Petrópolis : Vozes, 2000; Walter ALTMANN. *Lutero e Libertação*. Releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. São Leopoldo : Sinodal; São Paulo : Ática, 1994, p. 176-180.

<sup>48</sup> Karl BARTH. Comunidade Cristã e Comunidade Civil. In: *Dádiva e Louvor*. Artigos selecionados. Trad. Walter O. Schlupp, Luís Marcos Sander e Walter Altmann. Seleção e Prefácio de Walter Altmann. 2ª ed. São Leopoldo : Sinodal, 1996, p. 289-315.

<sup>49</sup> Cf. BRASIL. Lei nº 10.826 de 22 de dezembro de 2003. Dispõe sobre registro, posse e comercialização de armas de fogo e munição, sobre o Sistema Nacional de Armas – Sinarm, define crimes e dá outras providências. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/legisla/>. Acesso em: 16 nov. 2004.



- e aconselhadoras da área da psicologia e da religião. Existem Estados que dispõem de uma capelania policial, mas nem todos.
3. A *percepção de segurança* depende de um clima de confiança. Esta, por sua vez, não pode crescer a não ser pelo encontro constante entre as pessoas. Chama a atenção o isolamento de pessoas afortunadas atrás de muros altos e cercas elétricas, em prédios com segurança particular e em condomínios fechados. Pesquisas dão a entender que o medo não diminui, mas aumenta, pois cada pessoa fora do dia a dia tão protegido é, à princípio, suspeita de ser um ladrão. As igrejas podem propiciar espaços de encontro entre diferentes camadas sociais, etnias, gêneros, superando fronteiras pela mensagem do Evangelho e fomentando um clima de confiança com base na fé em Deus que é comum aos e às que dela participam. Além deste âmbito, a cooperação inter-religiosa pode criar confiança para a convivência pacífica e respeitosa.
  4. É preciso dar apoio e amparo às *vitimas* de atos de violência, seja ela doméstica ou em via pública. Isto implica também um clima de sinceridade, inclusive por dentro da Igreja, ao revelar atos de violência que não raramente costumam ser encobertos por serem atribuídos a pessoas de respeito ou familiares.
  5. Diante do desemprego, é fácil cair na armadilha dos traficantes, onde se ganha dinheiro aparentemente fácil e em maior quantidade do que em trabalhos comuns, e onde também se ganha respeito pela porte de uma arma. É fundamental as pessoas se sentirem *respeitadas* independentemente de sua educação, seu emprego, sua moradia ou outros critérios que possam ser aplicados. Onde houver uma rede de contatos na qual a pessoa pode sentir-se valorizada, não há necessidade de destacar-se pelo crime. Atividades de esporte, lazer e cultura, onde as habilidades específicas de cada um possam ser desenvolvidas, seriam um apóio importante e uma ação preventiva contra a violência. As igrejas podem viver tal postura e oferecer tais espaços e atividades ou apoiá-los enquanto oferecidos por terceiros, sempre que de forma competente e sem interesse de auto-promoção.
  6. É preciso cuidar dos *prisioneiros*. É alta a taxa de reincidência, por falta de um eficiente programa de re-socialização, pela superlotação dos presídios, pela falta de perspectivas fora da



prisão, entre outras razões. Igrejas como as Assembléias de Deus, apesar de pouco discurso político-ético, cumprem um importante papel aqui<sup>50</sup>.

7. Penso ser um potencial interessante atribuir a jovens que, por razões religiosas, filosóficas ou políticas, não querem pegar em armas, um *serviço alternativo ao serviço militar obrigatório*. De fato, a Constituição Federal de 1988 prevê tal serviço: “As Forças Armadas compete...atribuir serviço alternativo aos que, em tempo de paz, após alistados, alegarem imperativo de consciência...para se eximirem de atividades de caráter essencialmente militar”<sup>51</sup>. Um serviço deste tipo fora, na época, proposto pelo CONIC<sup>52</sup>. Existe uma Lei que regulamenta o artigo citado, porém, segundo minhas informações, nunca foi implementado<sup>53</sup>. O que parece acontecer, na prática, é que aqueles cuja consciência não permite o uso de armas são, caso não puderem ser convencidos da necessidade do serviço armado, simplesmente dispensados<sup>54</sup>. É pena, a meu ver, dispensar o serviço valioso que estes homens (e, quiçá, mulheres de forma voluntária) poderiam prestar à sociedade pelo bem comum<sup>55</sup>.

<sup>50</sup> Isto é reconhecido inclusive por vozes experientes e neutras como Drauzio VARELLA. *Estação Carandiru*, São Paulo : Companhia das Letras, 1999.

<sup>51</sup> BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. 7ª ed. São Paulo : Atlas, 1996, Art. 143 § 1º.

<sup>52</sup> CONIC. *Dia nacional de manifestação, meditação e oração pela paz*. São Paulo : Paulinas, 1986, p. 30-36, ali chamado de “serviço civil patriótico” ou “serviço civil alternativo”.

<sup>53</sup> BRASIL. Lei nº 8.239 de 4 de outubro de 1991. Regulamenta o art. 143, §§ 1º e 2º da Constituição Federal, que dispõem sobre a prestação de Serviço Alternativo ao Serviço Militar Obrigatório. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/legisla/>. Acesso em: 16 nov. 2004. O Art. 3º prevê que este serviço “será prestado em organizações militares da ativa e em órgãos de formação de reservas das Forças Armadas ou em órgãos subordinados aos Ministérios Cíveis...desde que haja interesse recíproco e, também, sejam atendidas as aptidões do convocado.”

<sup>54</sup> Segundo informações orais do pai de um candidato a tal serviço e de um ex-oficial capelão do exército.

<sup>55</sup> Eu mesmo pude experimentar este serviço, introduzido na Constituição Federal da Suíça apenas em 1992 e implementado em 1996, cumprindo 1,5 vezes o tempo previsto no serviço militar obrigatório, como prova da sinceridade da opção religiosa pela não violência. O regulamento permite, atendidas exigências específicas, prestar este serviço no exterior, o que pude fazer pela parceria entre a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE, [www.cese.org.br](http://www.cese.org.br)) e a Agência de Ajuda das Igrejas Evangélicas da Suíça (HEKS, [www.heks.ch](http://www.heks.ch)). O trabalho concreto foi a organização de uma consulta de jovens, cujo resultado está publicado em: CESE. *3ª Consulta sobre Cidadania e Diaconia*. Gente Nova Construindo Novo Mundo. Consulta Ecumênica da Juventude. Salvador : CESE, 2002, além de dois vídeos: “*Só Deus, o resto nada*” (CESE/TV Fonte Viva, 2001, 10’, depoimentos de jovens nas ruas de Salvador) e “*Gente Nova Construindo Novo Mundo*”



8. A Campanha da Fraternidade 2005 – ecumênica, a 3ª Jornada Ecumênica (Mendes, RJ, outubro de 2005), e a 9ª Assembléia do CMI serão espaços formidáveis para a redescoberta da confiança/fé, da visão/esperança, e do amor/serviço, num âmbito ecumênico, visando uma convivência assumida e uma prática efetiva. Desta forma, a sugestão do Prof. Cullmann, inicialmente citada, não será mais restrita ao nome dele, mas realizada no seu conteúdo.

*Endereço do Autor:*

Rua Amadeo Rossi, 467  
Caixa Postal 14  
93030-220 São Leopoldo, RS

---

(CESE/TV Fonte Viva, 2002, 30', um olhar panorâmico sobre a consulta e as questões nela tratadas).